

Pensando a Práxis Educativa

O número 1 da Práxis Educativa que chega ao público constitui mais uma das pequenas vitórias derivadas da teimosia em realizar projetos, embora todo o sistema universitário concorra para o contrário, em vista da continuada degradação do serviço público brasileiro, e em especial dos continuados ataques à Universidade. Nosso projeto consiste na busca de diálogos e reflexões sobre a práxis da Educação, dentro do compromisso político com educação democrática e com transformações sociais redistributivas de renda e poder. Consiste também na perseguição do diálogo entre a Educação e as demais ciências, sejam elas humanas ou naturais. Um diálogo que marca o Mestrado em Educação e o Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UEPG, entre diferentes formações e lugares acadêmicos para construir os objetivos acadêmicos e políticos aos quais nos temos proposto. Diálogo, ainda, que não recusa os espaços e movimentos não - formais que promovem educação, bem como as perspectivas não - científicas da produção e circulação dos saberes.

Julgamos sem falsa modéstia ter atingido esses objetivos, mas o leitor pode fazer seu próprio julgamento conferindo os textos publicados nesse primeiro número.

O texto de Maria Antonia de Souza - A prática educativa e a pesquisa no movimento social - é um exemplo e um símbolo do tipo de debate e interlocução que a Práxis Educativa pretende promover. Coloca em debate a educação formal e não formal nos movimentos sociais, e põe em xeque diversos preconceitos e perspectivas educacionais equivocadas. Uma das piores é a leitura dos participantes do movimento como componentes de "massa de manobra ". Souza, com seu texto, empresta consistência empírica ao argumento de Chauí quanto à incapacidade do pensamento dominante nacional de aceitar os dominados e desfavorecidos como sujeitos de seus próprios destinos. Isso é observado, por exemplo, na importância dada às atitudes de pesquisa entre os educandos do MST, bem como pela condição ativa e questionadora assumida pelos mesmos nas situações educativas formais e não formais. No destaque à interação entre esses campos (formal e não - formal), a autora contribui para a reflexão cada vez mais importante das trajetórias não - escolares de aprendizagem, importante inclusive para a compreensão da escola na atualidade.

Os pesquisadores Ana Katia Alves dos Santos e Dante Augusto Galeffi, da Universidade Federal da Bahia, propõem uma reflexão central para pensar os encaminhamentos educacionais, tanto na perspectiva do ensino e aprendizagem quanto na das políticas públicas, que é o tema da infância afrodescendente, a partir das perspectivas filosóficas sobre o tema da infância, enraizando a pesquisa sobre as especificidades da afrodescendência nos eixos co-dependentes da identidade e da diversidade.

Gonzalo de Amézola, da Universidad Nacional de La Plata, oferece ao leitor brasileiro uma importante reflexão sobre autoritarismo, história ensinada e os usos políticos e sociais do conhecimento histórico. O caso argentino é emblemático e significativo para a nossa experiência, considerando que os processos de produção de critérios para a seleção e atribuição de sentidos aos conteúdos escolares guardam diversas semelhanças entre os nossos países, embora a tendência da política brasileira de optar pelas continuidades e transições lentas tenha tornado esses processos menos visíveis aos olhos dos não - especialistas ou dos menos atentos.

O texto de Tzvi Tal, do Colegio Académico Sapir (Israel) contribui para a discussão sobre as possibilidades do uso educativo do cinema no entrecruzamento de preocupações cruciais na agenda da educação contemporânea: o multiculturalismo, os projetos nacionais hegemônicos e a reorganização das relações humanas, cívicas ou pessoais, no contexto da globalização neoliberal. O laboratório da análise de Tal é o cinema israelense da década de 90, para o qual as preocupações acima são particularmente cruciais, dados o estado de beligerância freqüente com palestinos e demais povos árabes no entorno e a hegemonia do pensamento homogeneista da identidade nacional, necessário ao projeto sionista

tradicional (tanto de vertente direitista como esquerdista). Os procedimentos apontados por Tal na utilização do cinema como recurso pedagógico representam uma busca que não nos é nada estranha: a autonomia diante da cultura e da estética hollywoodiana - que o autor resume como "macdonaldização" da cultura - e o esforço por elaborar junto com os alunos os instrumentos para a leitura crítica da ideologia, presentes nos variados meios, mas também nas mais diferentes práticas sociais. Sem esse referencial, alunos e professores tendem a ficar como espectadores - ou pior, como perdedores - do "jogo das identidades", cujas regras são modificadas na velocidade típica da chamada "aceleração da história" nos dias atuais.

O texto de Pedro Abib - Cultura popular, educação e lazer: uma abordagem sobre a capoeira e o samba - foca a atenção na cultura popular em relação à educação formal, os problemas de sua não consideração ou tratamento caricatural na escola e possibilidades educativas quando o tratamento é adequado e considera a cultura popular, tendo-a como referência. Evidentemente, esse tratamento implica abrir mão ou pelo menos relativizar um elemento tradicional da cultura escolar, que é o paradigma moderno e cartesiano no tratamento, seleção e mediação dos conhecimentos para os educandos.

Lairton Tres oferece ao leitor sua reflexão no artigo A resistência como práxis dos movimentos ambientalistas e ecológicos. Nele, as relações sociedade - natureza, práxis, movimentos sociais - cidadania, são evidenciadas e discutidas em torno da idéia de racionalidade ambiental. O movimento ambientalista é discutido como alternativa qualitativamente nova de embate político contra os interesses econômicos das grandes corporações e Estados, marcando a contemporaneidade. O artigo necessariamente envolve a problemática da educação através dos movimentos sociais e políticos, englobando também a discussão sobre a educação ambiental.

O artigo de Emanuel Nonato versa sobre a Pós Modernidade e as conseqüências das novas tecnologias da informação e comunicação sobre os conceitos de Educação e contemporaneidade, perguntando-se sobre o limiar a partir do qual aquelas tecnologias começam a ultrapassar sua condição de ferramentas para atuar como problemas que podem levar a novas formas de pensar e estabelecer a comunicação e a educação.

O texto de Aparecida Duarte e Maria Célia Leme da Silva dedica-se a um balanço sobre as teses e dissertações que tiveram como preocupação ou ponto de partida o Movimento da Matemática Moderna, identificando o conjunto de mudanças curriculares promovidas e as limitações das mesmas no que se refere ao ensino da Geometria.

Por fim, o texto de Esméria de Lourdes Saveli, Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação, põe em cena um estudo das narrativas de professores que se candidataram ao curso de Mestrado em Educação da UEPG, através dos memoriais exigidos como quesito para a inscrição. A autora parte do princípio de que o ato de rememorar responde a um trabalho de articulação das lembranças, tendo por condicionantes as próprias concepções e as expectativas imaginadas de leitores, por parte dos autores. Nessa articulação é possível ler elementos fundantes da formação inicial e continuada dos docentes.

Em nome do Conselho Editorial e do Conselho de Consultores, desejo ao leitor que possa tirar muito proveito das páginas a seguir, convidando-o a visitar novamente a nossa Revista nas próximas edições.

Luis Fernando Cerri
Editor